REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 210

21 DE OUTUBRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

A questão da companhia dos caminhos de ferro de norte e leste prendeu durante muitos dias as attenções do publico, originou vehementes polemicas nos jornaes e chegou a preoccupar gravemente o governo.

Falou-se insistentemente em crise ministerial provocada pela attitude da assembléa da companhia, e pela intervenção que n'essa questão grave tivera o governador civil de Lisboa, e durante alguns dias correu com persistencia o boato da demissão de alguns ministros, chegando mesmo os inventores d'estes boatos a forjarem ministerio novo, e a apontar nomes de novos ministros.

O addiamento por tres ou quatro dias da resolução do procedimento do governo, addiamento causado pela subita indisposição do sr. conselheiro Barjona de Freitas, veio dar mais corpo a esses boatos de crise, boatos que a propria agencia Havas chegou a transmittir para o estrangeiro.

Finalmente, o governo resolveu a questão placidamente, estando todos os membros do gabinete de accordo n'essa resolução, que consistiu em deixar á Assembléa geral da companhia dos caminhos de ferro, e aos tribunaes competentes, a liquidação final d'essa questão, que tantas apreciações vehementes originou, e a nomear uma commissão composta dos srs. general Abreu e Sousa, visconde de S. Januario, Frederico Bivar, José Maria Borges, Sousa Gomes, Jayme Larcher e João Joaquim de Mattos, para fazer um inquerito aos actos administrativos da companhia, e para estudar e propor os meios de levar a effeito a remissão, para o estado, das linhas ferreas de norte e leste.

E assim terminou a intervenção do governo n'esta questão, cujo unico resultado foi até agora a demissão do sr. governador civil de Lisboa, concedida a seu pedido.

E lamentamos, fóra da politica e fóra da questão em debate, simplesmente pelos interesses do districto, a demissão pedida e concedida a este illustre funccionario, porque o sr. dr. Segurado é um caracter honradissimo e uma capacidade administrativa de primeira ordem, tinha como governador civil a illustração alliada ao bom senso, a energia alliada á prudencia, dotes que não são muito faceis de encontrar e que são indispensaveis na primeira auctoridade d'um districto.

A hora em que escrevemos estas linhas ainda não se sabe quem será nomeado governador civil de Lisboa.

Os receios do cholera começam outra vez a diminuir.

A epidemia chegou já sem força a Hespanha, localisou se nas povoações que primitivamente atacára e ahi mesmo com pouquissima intensidade.

O CHOLERA EM NAPOLES — O REI VISITANDO OS CHOLERICOS

Entretanto, as quarentenas continuam, e com razão, porque o perigo, se não é tão grande como ao principio se affigurou, subsiste ainda, e d'ellas resultou não ter chegado ainda a Lisboa a celebre Judic, que os lisboetas esperam anciosamente.

A assignatura aberta no theatro da Trindade preencheu-se n'um momento, apesar dos seus elevados preços, e tudo faz prever que as recitas da Judic terão em Lisboa successo egual ás da Sarah Bernhardt.

Estão tambem soffrendo quarentena nos lazaretos da fronteira hespanhola e no lazareto de Lisboa, os artistas lyricos que veem para o theatro de S. Carlos.

A quarentena já afugentou uma cantora de nomeada, que rescindiu a escriptura por esse motivo.

A epocha annuncia-se uma das mais brilhantes do nosso theatro lyrico, não só pelo nome e fama dos artistas escripturados, como tambem pelo reportorio, em que figuram tres operas novas para o publico de Lisboa: — a *Herodiade*, de Massenet; *Les noces de Figaro*, de Mozart, e a *Disraelita*, do visconde de Arneiro.

A empreza, usando da faculdade que lhe concede o seu contracto com o governo, augmentou os preços de todos os logares do theatro.

O publico comprehendeu que o augmento é justo, e a assignatura nada tem soffrido com esse augmento: resta que a empreza justifique a elevação dos preços com melhoria nos espectaculos e na companhia, e, como dissemos, o reportorio annunciado e o nome dos artistas escripturados, mostram que a empreza fará brilhantemente essa justificação.

Ha pouco tempo ainda a imprensa de Lisboa trouxe a publico a noticia da injusta penalidade que ha annos estava soffrendo na cadeia do Limoeiro um innocente que fora victima da injustiça da justiça humana, o infeliz Parada: hoje apparece um outro desgraçado quasi em circumstancias identicas. Chama-se Marracho.

Antonio Joaquim Marracho foi condemnado em 15 de janeiro de 1870 a 10 annos de degredo, pela relação de Lisboa.

Apesar d'essa sentença, em novembro de 1873, isto é, 4 annos depois, estava ainda preso na cadeia de Chaves e sem ter seguido o seu destino.

Finalmente, vae para o degredo, e em 1881 requereu baixa de culpa, o que lhe foi concedido, e voltou em liberdade para Portugal em 9 d'agosto d'esse anno.

A sentença era de 10 annos de degredo, e o Marracho tinha já 11 annos de degredo e prisão depois d'essa sentença. Pois apesar d'isso um bello dia a justiça comprehendeu que a baixa da culpa fora extemporanea, e metteu-o outra vez no Limoeiro, e lá está esquecido por todos até agora, isto é, cerca de 15 annos depois da sentença que o condemnára a 10 annos de degredo.

Isto é monstruoso e inqualificavel, e mal se comprehende n'estes tempos de aperfeiçoamento e de civilisação.

O desgraçado tem 45 annos apenas, mas parece ter 60.

Agora diz-se que lhe vae ser dada por expiada a culpa e posto em liberdade: mas do dizer-se ao fazer-se vão longos mezes na justiça portugueza, e mesmo que não vão, perguntamos como é que a justiça compensa esse desgraçado dos 5 annos de captiveiro sem sentença nem criminalidade, como é que o indemnisa da liberdade e da saude perdidas durante esses annos e de todos os transtornos e desgraças que essa penalidade injusta e não sentenciada lhe tiver causado?

É necessario que d'uma vez para sempre os poderes publicos olhem seriamente para estas coisas da justiça, que são uma vergonha indecorosa, um attentado permanente contra todos esses brilhantes ideaes de liberdade, que para ahi se apregoam, e que fazem tanta vista em artigos de fundo.

Mais uma vez pedimos providencias, quasi na certeza de que mais uma vez ellas se não darão.

N'esta materia de justiça todos fazem o mesmo, isto é, nada.

Recorda-nos um bom dito d'um homem d'espirito, que era empregado n'uma provincia ultramarina, a um governador do ultramar.

Tinha tres mezes de administração do districto esse governador, e um dia, conversando com o tal empregado, perguntou-lhe o que julgava do seu governo.

— Acho-o excellente. V. Ex.ª em tres mezes tem conseguido fazer o que os seus antecessores tem feito sempre durante annos.

— O que é que elles tem feito? perguntou surprehendido o governador.

— Nada, meu senhor.

Chegou-nos ha dias ás mãos um bello livro de versos, estreia d'um poeta novo, que aos 16 annos entrava no mundo litterario cheio de talento notavel e de radiantes aspirações.

Preoccupações graves da nossa vida particular tem-nos inhibido até agora de lêr demoradamente esse livro, como elle merecia, e dizermos d'elle a nossa humilde opinião.

Ha uma semana, porém, veio surprehender-nos uma noticia triste e inesperada. Esse rapaz que nos mandára os primeiros fructos do seu talento, esse rapaz que entrára no mundo litterario ha dias, acaba de sahir da vida, de desapparecer no tumulo, quando o seu talento era todo promessas, quando o seu espirito era todo esperanças de gloria e de futuro.

Sabem já que falamos de Eduardo Coimbra, o irmão de Raul Didier, um poeta de nome.

Punge-nos, sem o conhecermos, a morte d'essa pobre creança, e é cheios de tristeza e de desconsolo que vamos lêr esse livro, os *Dispersos*, que recebemos com a alegria com que se vê despontar a aurora.

De Vianna do Castello veio-nos tambem ha dias a noticia da morte d'um benemerito portuguez, cujo regresso ao seu paiz fora ainda ha pouco tempo saudado com enthusiasmo por toda a imprensa, a morte do sr. Eduardo de Lemos, o presidente do directorio do gabinete portuguez no Rio de Janeiro.

A morte de Eduardo de Lemos produziu funda impressão em Vianna, e o seu enterro foi uma manifestação imponente de respeito e de sympathia.

E não falemos só de mortes; alegremos o final da chronica com a noticia do casamento auspicioso d'um nosso bom confrade do Rio de Janeiro.

Casou em Lisboa com a sr.ª D. Christina de Mello, filha do honrado e conhecido negociante o sr. Mello, o sr. Elysio Mendes, redactor e um dos proprietarios do grande e prospero jornal do Rio de Janeiro, a *Gazeta de Noticias*.

Não costumamos dar entrada na chronica a estas noticias, para a não transformarmos em *correio de salas*, mas não podemos deixar de abrir uma excepção, para noticiar o casamento d'um jornalista illustre do Brazil, e para darmos ao nosso bom confrade os nossos sinceros parabens.

Gervasio Lobato.

O REI HUMBERTO, EM NAPOLES

Vedere Napoli e poi morire, diziam os italianos extasiados com a sua formosissima cidade, e resumindo n'este proloquio encantador a sua convicção, de que é a ultima expressão da belleza terreal essa Parthenope gentil, que se debruça á beira do golpho azul, em que se espelham á noite as estrellas do céu da Grande Grecia, tão formosas, tão formosas, que não admira que os antigos pagãos imaginassem n'ellas como que a traducção em luz sideral de tudo quanto tinham visto na terra de mais sublime e de mais gentil, a lyra de Orpheu e o navio audacioso dos Argonautas, as brancas nymphas e os caçadores fragueiros, os cysnes amorosos das semi-deusas e os golphinhos enamorados da poesia.

Pois este anno mais do que nunca tinha applicação a phrase. A cholera encarregava-se de pôr o fecho ao proloquio. Entre as larangeiras de Sorrento escondia-se a morte, nas sombras de Castellamare aninhava-se o microbio. Soprava um vento lethal nas margens do golpho de Parthenope, como quando os cesares romanos se lembravam de sentar algum sinistro conviva ás mezas dos banquetes festivos.

Napoles, comtudo, deve estar costumada a estas situações anomalas. É a cidade dos contrastes. A pluma de fumo do Vesuvio fluctua constantemente sobre a sua cabeça coroada de rosas, como uma espada de Damocles. A cada momento póde vir uma convulsão do solo lançar a ruina e o desastre no meio das festas e das alegrias. Ao lado das suas ruas maravilhosas, por onde passa, entre uma linha dupla de palacios, o mundo dos touristas, ondeiam as ruas infectas, onde fervilha a população dos *lazzaroni*, suja, miseravel, faminta. Pende dos hombros de marmore da formosa cidade o andrajo dos mendigos de Murillo, n'aquella face gentilissima que é enlevo de todo o mundo, e que se retrata nas aguas azues do golpho, lavra a pustula ascorosa que n'um momento se alastra por essa cutis delicadissima. Por isso, de quando em quando, no meio dos hymnos de festa, sôa de subito um grito de morte. É, quando mais bella se ostenta a cidade napolitana, quando é mais azul e mais limpido o golpho, quando brilham mais vividas as estrellas, quando a lua desprega mais candidos véus por sobre as vagas mansissimas, quando parece que vêmos rolar no céu o carro argenteo de Diana, e vêmos fluctuar sobre a espuma das ondas a rosea concha de Aphrodite, quando as aguas e a viração, e os rouxinoes e as arvores, parecem cantar n'um concerto dulcisssimo as elegias amorosas de Catullo e as symphonias de Rossini, ouve-se de subito o surdo estridor da torrente de lava que desce do Vesuvio fazendo tremer o solo, ou vê-se a cholera, livida e espumante, sair dos antros immundos e passeiar pelas ruas de Napoles o seu facho devastador e implacavel.

Foi o que succedeu este verão. Napoles regorgitava de visitantes. Nunca se ostentára com mais belleza á luz do sol italiano, acolhia no seu seio os que fugiam de Toulon e Marselha, e que iam beber nas brisas refrigerantes do mar Tyrrheno a saude e a vida, quando de subito se ouviu o terrivel grito desolador: A cholera! E começaram a passar pelas ruas da cidade os prestitos funerarios, e os boletins começaram a circular nos jornaes como circulam na athmosphera as vibrações dos dobres e toda essa população frivola e descuidosa, que vinha *vedere Napoli*, mas não *morire*, dispersou-se rapidamente, e a cidade ficou só, só com as suas tristezas e com as suas angustias, só com os seus quinhentos mil habitantes fulminados pelo terror, e dizimados pelo flagello, só com os seus mortos e com os seus moribundos, isolada logo do resto da Europa pelo cordão das quarentenas, só com a larga ferida purulenta aberta no seu seio pelo microbio que desfaz cidades e populações como a madrépora funda continentes, porque decididamente a sciencia moderna descobriu, tanto a sciencia social como a sciencia physiologica, que os victoriosos no mundo são os infinitamente pequenos, que o que dizima a humanidade não é nem o leão terrivel, nem o corpulento elephante — é o microbio, que quem transforma as sociedades não são nem os Alexandres nem os Bonapartes — é a idéa. O microbio é invisivel, a idéa é impalpavel, e o microbio é que destroe e a idéa é que transforma.

Mas n'esse momento quando todos fugiam de Napoles, a empestada, quando paravam os comboios descendentes por falta de passageiros, quando os *steamers* fugiam a todo o vapor do golpho azul, onde deslizavam dias antes como a gondola das *Vesperas* cheios de luz e de harmonia, passeiando sobre as aguas as festivas serenatas, quando fluctuava nas grimpas dos campanarios a bandeira amarella dos pestiferos, quando ao aroma voluptuoso das magnolias succedia o cheiro acre e irritante de acido phenico, sentiu-se de subito ás portas de Napoles o silvo de uma locomotiva que vinha de Roma, e um homem sereno, e sorridente entrava na cidade contaminada, na cidade leprosa, saudado pelas ovações enthusiasticas de um povo surprehendido e delirante. Esse homem era o rei de Italia.

A casa de Saboya é a casa dos intrepidos. Os francezes que são conhecedores em bravura deram a Carlos Alberto as honras de granadeiro do seu exercito, e a Victor Manuel as divisas de cabo de esquadra dos zuavos. Ganhou-as aquelle no Trocadero, este em Palestro. Valem mais do que as grã-cruzes estas humildes distincções, são attestados de valentia passados no campo de batalha por juizes competentes. Goito e Novara confirmaram plenamente a reputação de Carlos Alberto, Solferino e a de Victor Manuel. O heroismo é pois n'aquella familia um dote hereditario. Amadeu, o rei de Hespanha, já mostrára bem na calle del Arenal que esse dote não constituia morgado, e que não passava inteiro aos primogenitos. O rei Humberto deu agora d'essa bravura hereditaria um documento novo.

A coragem tem diversos aspectos, e nem todos a possuem debaixo de todas as suas formas. Luiz XVI seria incapaz de dar uma carga de cavallaria por entre uma nuvem de metralha, lord Cardigan, o heroe de Balaklava, talvez desmaiasse em presença do patibulo. Generaes houve entre nós que affrontaram mil vezes a morte no campo de batalha, com um heroismo sobre-humano, e que fugiram diante da febre amarella, que uma creança

coroada, timida e pensativa affrontava com uma serenidade intrepida nos hospitaes de Lisboa. E, sem desconhecer que a coragem, debaixo de qualquer forma, é sempre uma qualidade digna de admiração e de applauso, devo confessar que esta coragem serena e inquebrantavel que affronta as exhalações mephiticas n'um ambiente putrido, na atmosphera sombria de uma cama de hospital, entre vomitos e dejecções, me parece mais sublime do que o heroismo brilhante dos campos de batalha.

A coragem que se manifesta pelas cargas de cavallaria, ou pelas cargas de bayoneta, é uma coragem animal, filha do temperamento. Quando o cheiro da polvora sobe á cabeça ainda dos menos exaltados, quando o scintillar das couranças, o tilintar das espadas, o estridor da fuzilaria, o ondear das bandeiras, o trovejar do canhão, excitam por tal fórma os sentidos que se perde quasi a consciencia da propria individualidade, quando estão os nervos todos em vibração, percebe-se que, á luz do sol, no meio das acclamações dos soldados, um Murat, cujo dolman bordado fluctua ás brisas da batalha, cujo cavallo impaciente solta o seu bellico relincho, e escarva o chão varrido pelas balas, enterre as esporas no ginete, e, atirando aos soldados, como um grito de aguia, a sua voz de commando, parta, sem ver ou sem attentar no perigo, a precipitar-se no vortice onde a lucta redemoinha com mais terrivel intensidade. Mas calçar as luvas tranquillamente, accender um charuto, metter-se um rei sósinho na sua carruagem, e ir atravez da noite silenciosa e lugubre, procurar o hospital onde passeia com o seu bafo pestifero a morte sinistra e implacavel, apear-se á porta da lugubre morada, cruzando-se com os caixões que sahem e com as macas que entram; e ir passar lentamente, no pleno uso da sua reflexão, por entre as camas onde se estorcem os moribundos, não recuar diante do contacto homicida, procural-o mesmo, e repetir dez, vinte, trinta vezes este simples passeio heroico, eis o que é na verdade o ponto mais alto a que pode subir a coragem humana.

E o que é que inspira estes actos nobilissimos? O que póde haver tambem de mais nobre na consciencia humana — o sentimento do dever, esse sentimento que nos dá como que a intuição verdadeira da nossa celestial origem, o que nos arranca deveras da escala animal, e nos força a procurar uma origem diversa da origem darwiniana para essa substancia incomprehensivel que vive enlaçada com o nosso corpo, que tem aspirações e leis bem diversas das que podem nascer do instincto, por mais aperfeiçoado que seja, de uma especie animal apparentada com o macaco.

Diante d'este acto heroico do rei Humberto houve praguentos como ha sempre. Especulação! disseram. Quiz ganhar popularidade, e especular com a cholera.

É exacto! Quiz ganhar popularidade, como o soldado, que se arroja ao centro dos batalhões inimigos, quer conquistar a gloria, como o missionario que morre na fogueira ateada pelos gentios quer conquistar a palma do martyrio, como todas as acções nobres, grandes e generosas aspiram naturalmente á santa recompensa que lhes é devida — o applauso dos seus contemporaneos, ou o applauso da posteridade, ou, quando os praguentos dominam, ou quando se demora mesmo atravez dos tempos a hora de justiça, o applauso da propria consciencia.

Sim! o rei Humberto aspirou a que o seu povo dissesse d'elle: Temos um rei que sabe cumprir o seu dever, que sabe ir ainda além das obrigações que o dever estricto lhe imporia. Se por aquelle caminho se conquista a popularidade, porque o não seguem os outros? Não está aberto só aos reis, está a todos aberto.

Quando o deputado republicano Baudin no dia 2 de dezembro de 1851 chamava o povo a defender as barricadas contra as tropas do Golpe de Estado, um grupo de intransigentes, que são sempre gente esperta, bradou-lhe:

— Tu o que queres, deputado que sugas o suor do povo, é conservar o teu ordenado de 25 francos por dia.

— Pois vão vêr, disse-lhes friamente Baudin, subindo á barricada, como se morre por 25 francos!

Aos que o accusavam de especular com a cholera, o rei Humberto podia dizer como Baudin aos intransigentes:

— Venham vêr como se affronta por especulação todos os dias a morte. Quem quer associar-se comigo n'este bom negocio? Quem quer vir arrancar-me, o que é tão facil, os lucros que eu vou ter?

Ninguem quiz.

Pinheiro Chagas.

AS NOSSAS GRAVURAS

HANS MAKART

Falleceu em Vienna d'Austria no dia 4 do corrente, este celebre artista que alcançara uma reputação universal de grande pintor, com as suas maravilhosas telas, desde a exposição de Paris de 1867 onde expoz pela primeira vez os seus dois primeiros quadros, *Cavalleiro adormecido, beijado por uma nympha* e *Amores modernos*, até á exposição de 1878 em que apresentou o seu grande quadro, *Entrada de Carlos V em Anvers*.

Quadro grande em tudo, pelas dimensões, pelo assumpto, pela sua concepção e execução magistral. Este quadro reproduzido pela gravura nas illustrações de quasi todos os paizes, levou o nome de Hans Makart a todo o mundo civilisado, onde é conhecido e citado como o de um dos mais notaveis artistas d'este seculo.

Hans Makart nasceu em Vienna a 28 de maio de 1840 e depois dos seus primeiros estudos academicos dedicou-se á gravura que abandonou em breve, partindo para Munich, a cursar a grande academia onde teve por mestre o celebre Piloty.

Depois viajou pela Italia, Hungria e Egypto, pintando sempre os seus bellos quadros que, cada um d'elles bastaria para fazer a reputação de um artista.

As suas principaes obras, além das que já referimos, são as seguintes: *A leda e o cisne, Scena das comadres de Windsor, Peste em Florença, Sete peccados capitaes, Sonho de um Lebertino, Venus retendo Tannhaüser, Nymphas roubando as cordas da harpa do trovador adormecido, Dois monges n'uma cella, Cleopatra*, etc.

Makart delinìou os figurinos e grupos allegoricos que figuraram no grande cortejo com que, em Vienna d'Austria, se celebraram as bodas de prata do imperador Francisco José.

Ultimamente trabalhava no *plafonds* do novo palacio de campo da imperatriz d'Austria e na decoração do novo museu de bellas artes de Vienna.

Ha poucos mezes Hans Makart fôra accommettido de uma forte sobreexcitação nervosa que lhe perturbou a rasão, mas tinha melhorado consideravelmente d'esse estado, depois de algum tempo de repouso e ares de campo que os medicos lhe prescreveram.

Entretanto Makart logo que se sentiu melhor, quiz trabalhar, a despeito de todas as prohibições dos medicos. Aquella imaginação ardente não podia esteralisar-se n'uma apathia convencional, o seu espirito precisava empregar-se e produzir, e n'essa febre da arte, as allucinações cresceram e o desventurado artista tinha as visões mais extraordinarias, que elle descrevia entre os accesos febris. Estava persuadido que a sua palheta se lhe entornara no cerebro, vendo então uma confusão de côres que o cegavam. De outras vezes via em extensos cortejos os personagens dos seus quadros; grandes luctas dos pintores com os deuses; uma torre de Babel revestida de frescos, em que o brilho das côres não deixava fixar as composições phantasticas. Os vultos da historia agrupavam-se em torno d'elle e inspiravam-lhe quadros grandiosos; as nymphas, suas predilectas, esvoaçavam-lhe em volta deixando-lhe admirar a pureza das suas linhas, a graça das suas fórmas, os seus cabellos de ouro soltos ao vento e envolvendo-se em as nuvens do ceu ou na espuma das aguas; os zephiros bafejavam-lhe a fronte e alavam-lhe o espirito para manções celestiaes. Depois tudo se confundia. Era um delirio que passava com a febre, e o pintor tinha alguns dias de repouso.

Em um d'esses dias, depois de um passeio ao campo, sobreveiu-lhe um novo ataque a que não pôde resistir, cahindo sem sentidos e seguindo-se-lhe uma morte lenta sem agonia nem afflicção apparente.

Era um grande artista apaixonado pelo maravilhoso, tinha as grandes concepções dos grandes quadros da historia que elle opulentava com os deslumbramentos do colorido e a riqueza dos accessorios. Tinha uma grande preferencia pelo nú, que pintava admiravelmente como o attesta o seu citado quadro *Entrada de Carlos V em Anvers* e outros.

Makart deixa uma fortuna avaliada em noventa contos de réis, além do seu explendido atelier pelo qual um negociante de quadros, inglez, já offereceu sessenta e sete contos de réis. Os seus herdeiros são dois filhos do seu primeiro matrimonio, sua mãe e sua segunda mulher, antiga dançarina da opera de Vienna.

O seu funeral realisou-se no dia 6 do corrente entre um grande cortejo de artistas de Vienna, e o esquife foi conduzido pelos discipulos da academia de bellas artes d'onde Makart era professor.

O imperador e os archi-duques enviaram os seus pesames á mãe do grande artista.

O corpo de Makart esteve exposto ao publico, no seu atelier, onde se viam os dois ultimos quadros do artista *A primavera* e *O estio* que figuraram no *Salon* de Paris, em 1883.

A NOVA ESTAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO DO SUL E SUESTE NO BARREIRO

A falta de commodidades a que desde o principio estiveram sugeitos os passageiros que se dirigiam áquellas linhas, primeiro desembarcando na ponte do Mexilhoeiro e seguindo pelo areal até á estação, a uns dois kilometros de distancia, depois passando do vapor para botes, que os iam desembarcar na praia em frente da estação, mais tarde caminhando pela ponte de madeira, de 330ᵐ de comprimento, sempre expostos ás intemperies e rigores do tempo, fez pensar muitos engenheiros, que em differentes epochas pertenceram ao pessoal d'aquellas linhas, a maneira de obviar a taes incommodos.

As sondagens feitas accusaram até 29ᵐ de espessura na camada de lodo, e se não é impossivel fundar muralhas a esta profundidade, é difficil ainda hoje, e ha alguns annos muito mais o era; d'ahi nasciam as hesitações e a idéa de prolongar o caminho até Cacilhas.

Em agosto de 1873 foi nomeado chefe de tracção e da conservação da via e obras o engenheiro sr. Miguel Carlos Correia Paes, que começou a dedicar-se com ardor ao estudo da solução do problema, e, de accordo com o director da linha, o distincto engenheiro Nuno Augusto de Brito Taborda, cujo fallecimento foi uma verdadeira perda para a engenheria portugueza, apresentou o seu ante-projecto datado de 14 de março de 1876, tendo já começado os trabalhos em fevereiro anterior, por determinação d'uma Portaria assignada pelo então ministro das obras publicas, o sr. Antonio Cardoso Avelino.

Mais tarde o mesmo engenheiro apresentou o projecto definitivo, bem como o da estação e da ponte de ferro, que da mesma fórma foram approvados.

A construcção dos fundamentos da muralha, bem como os da estação, apresentaram serias difficuldades, mas a boa vontade e o decidido desejo de ultimar as obras, fizeram subplantar todos os obstaculos e contrariedades desanimadoras. As obras pararam por differentes vezes pela falta de verba para ellas. Os fundamentos da estação mais de um anno estiveram concluidos até ao eligimento, sem que lhe fossem arbitrados meios para proseguir; foi necessario que o director da linha sr. Tavares Trigueiros e o chefe dos trabalhos instassem com o maior empenho ao ministro das obras publicas, o fallecido Saraiva de Carvalho, para que elle auctorisasse uma verba para continuar a construcção do edificio, que afinal, e depois de difficuldades de fornecimentos de materiaes, e da cobertura metallica da *gare*, poude concluir-se e inaugurar-se em 4 do corrente, sendo aberta ao publico no dia immediato.

O custo da estação pouco excedeu de cincoenta contos de réis, dos quaes mais de metade foram dispendidos nos fundamentos.

A nossa estampa dá uma idéa da sua architectura simples, mas ornamentada com um certo gosto, que a distingue de todas as construcções do mesmo genero edificadas no paiz.

A sua excepcional posição junto á muralha a que atracam os vapores, o bello panorama que se disfructa da sua varanda, dos terraços dos corpos lateraes e sobretudo do central, onde existe o relogio, panorama grandioso, tendo como esplanada o estuario do Tejo em uma largura de 7 kilometros e como fundo Lisboa, as montanhas que se elevam ao seu norte, e ao noroeste a serra de Cintra, a tornam digna de ser visitada, para se gosar aquelle esplendido ponto de vista.

Agora já os passageiros teem salas onde esperem com toda a commodidade a partida do comboio, ou o embarque nos vapores, o que é um incontestavel melhoramento no serviço d'aquellas linhas.

A construcção d'esta estação e caes foi por muito tempo julgada impraticavel, mesmo na opinião de alguns engenheiros estrangeiros, e por isso tanta mais honra cabe ao seu constructor, o engenheiro sr. Miguel Paes, que a planeou e dirigiu até final conclusão, com uma tenacidade e zelo dignos do maior elogio.

A camara municipal do Barreiro, compenetrada do grande serviço que o digno engenheiro lhe prestou, fazendo com que a estação alli se construisse e portanto não privando o Barreiro das vantagens de ser o limite de uma linha ferrea importante, resolveu, em sessão extraordinaria de 4 do corrente, inaugurar na sala das suas sessões o retrato do sr. Miguel Paes, e denominar a rua que vae da egreja do Rosario á estação — Rua Miguel Paes.

O ALMIRANTE COURBET

Ainda não ha muitos mezes que o ministro Ferry, falando da guerra do Tonkin nas camaras francezas, e referindo-se ao valor do almirante Courbet, foi interrompido por uma gargalhada; o ministro repetiu a phrase e continuou o seu discurso sem incidente. E' muito natural que se hoje tornar a falar da pericia e bravura do almirante sejam as suas palavras coroadas por estrepitosos applausos. E' este o caracter d'aquella grande nação, sempre voluvel nos seus actos e nos seus juizos.

Não temos espaço nem tempo para fazer uma descripção do pleito que se fere no oriente entre a China e a França.

Terminada pouco mais ou menos a guerra do Tonkin, foi surprehendido um destacamento francez em Lao-Long e trucidado por forças chinezas, que ao principio se disse serem irregulares, mas que depois se assegurou pertencerem ao exercito regular.

Em consequencia d'este facto foi pedida uma satisfação e indemnisação á China. Os francezes, exagerando o procedimento dos allemães depois da guerra de 1870, pediam aos chinezes uma exorbitancia, e, depois de varias tentativas e desaccordos com um certo despreso pelos mais elementares principios do direito internacional, deram ordem ao almirante Courbet de fazer represalias.

O almirante dirigiu-se sobre Fu-Tcheu, porto importante da China, onde está estabelecido um dos seus melhores arsenaes, e onde se achava ancorada parte da sua esquadra de guerra, bombardeou e arrazou os fortes e arsenaes, destruiu os vasos de guerra e apoderou-se do porto. Os inglezes tem estigmatisado o facto da destruição da esquadra, porque ella era a segurança contra os audazes e astutos piratas chinezes, o que obrigará agora as nações europeas a dispor de maiores forças navaes para protegerem o seu commercio. Julgamos, porém, que se o caso se desse com os inglezes, estes teriam feito o mesmo ou peor.

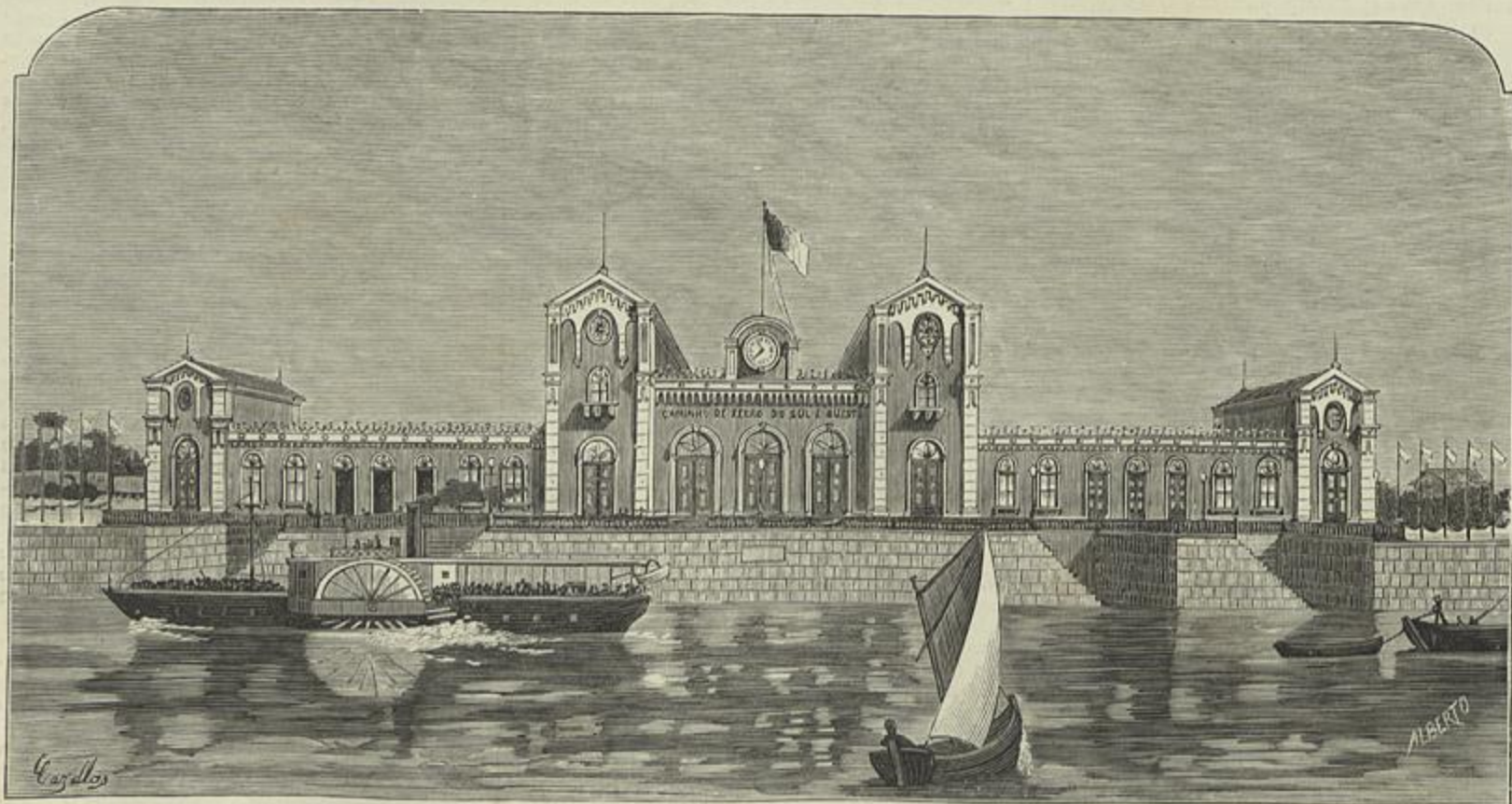
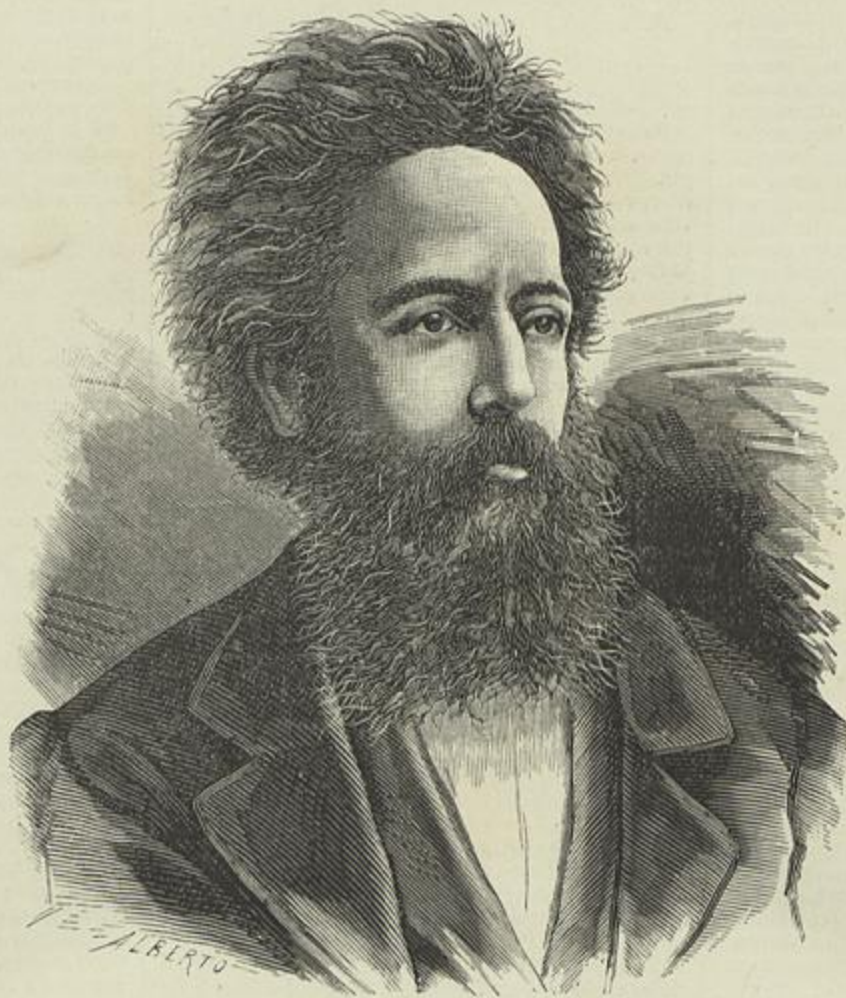
D'aqui tem-se seguido uma serie de operações mais ou menos importantes, sendo a mais significativa a tomada de Kélung, que, no dizer de algumas folhas francezas, devia ter sido o unico procedimento da França, para garantia do seu direito e da satisfação e indemnisação pedidas.

As camaras francezas já votaram agradecimentos ao almirante e generaes que tem tomado parte n'esta campanha, que está ainda longe do seu termo.

O almirante Courbet nasceu a 26 de junho de 1827, entrando no serviço aos 20 annos, em 1847. Em 1849 era ainda aspirante a guarda-marinha, sendo promovido a tenente em 1856. Dez annos depois já era capitão de fragata, e em 1880 foi promovido a contra-almirante, pelo que se não pode queixar da sorte. Exerceu, além d'isso, os cargos de governador da Nova Caledonia e commandante em chefe da divisão naval d'aquella região. Hoje exerce o commando superior das forças navaes francezas nos mares da China, onde, se não tem manifestado, como alguns dizem, grande tacto e previsão, não tem deixado empanar o nome da sua nação.

HANS MAKART — FALLECIDO EM 4 DO CORRENTE

ESCOLA NORMAL, NA BAHIA

A 22 de julho de 1883 inaugurou-se na Bahia a escola normal para o professorado primario

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — A NOVA ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DO SUL E SUESTE, INAUGURADA EM 4 DO CORRENTE

(Desenho do natural por Cazellas)

sendo presidente da provincia o fallecido conselheiro Pedro Luiz Pereira de Sousa.

A antiga escola normal que então havia, funccionava nos baixos do convento de S. Bento em más condições por não ter casa propria.

O novo edificio que é elegante e architectonico, ergue-se no largo da Piedade formando um dos seus angulos.

N'este estabelecimento que funcciona regularmente, estuda-se o curso de pedagogia em tres annos, habilitando professores para o ensino de instrucção primaria para as escolas de toda a provincia.

Apesar, porém, de todos os esforços empregados pelo governo a bem da intrucção publica, e de existirem em toda a provincia cerca de 500 escolas de instrucção primaria, o ensino fóra da cidade é em geral mal feito e deficiente, compenetrando-se os professores muito pouco da sua alta missão e descurando dos seus deveres.

Não podemos avaliar, entretanto, da inteira responsabilidade que lhe cabe pelo seu pouco zelo, porque nos faltam subsidios que nos esclareçam sobre os vencimentos que esses professores auferem pelo seu trabalho improbo, mas se os avaliarmos pelo que em Portugal recebem os seus collegas, não podemos accusal-os de negligentes, porque por pouco que façam ainda valerá mais do que recebem, que é pouco mais de nada, ainda mesmo quando lhe pagam.

O almirante Courbet commandante da expedição franceza aos mares da China

O COURAÇADO RIACHUELO

A marinha de guerra brazileira acaba de ser enriquecida com um formidavel couraçado que recebeu o nome de *Riachuelo*, em memoria do notavel combate naval que se realisou em 11 de junho de 1865 nas aguas do Riachuelo, pequeno rio que desagua no Paraná, por occasião da guerra que o Brazil sustentou com o Paraguay. Aquelle combate foi uma das glorias da marinha brazileira e do almirante Barroso que dirigiu a acção, e por isso bem cabido foi o nome ao couraçado que é o maior que se tem feito, com todas as innovações ultimamente introduzidas n'este genero de vasos de guerra.

O novo couraçado sahiu dos estaleiros do sr. Samuda Irmãos, de Londres, onde foi construido e entregue ao commandante sr. Eduardo Van Den Kolck que o dirigiu a Lisboa, onde se acha ancorado nas aguas do Tejo, e d'aqui seguirá para o Rio de Janeiro.

Uma couraça de aço de Siemens-Martin de 30 centimetros de espessura reveste o navio além de uma coberta de aço que o protege em caso de combate. Tem duas torres girantes, protegidas por armaduras de aço, em cada uma das quaes estão montadas duas peças Armstrong de 20 tonelladas cada uma. Estas peças foram experimentadas e o resultado excedeu a espectativa. Uma bala lançada por uma d'estas peças furou uma chapa de ferro

BRAZIL — Escola normal para o professorado primario, na Bahia (Segundo uma photographia de Guilherme Gaensly)

Brown de 50 centimetros de espessura, uma barreira de areia da extensão de 3 metros e destruiu um cilyndro de aço alma de uma peça de 100 toneladas. A esta experiencia assistiram officiaes de terra e mar de differentes nacionalidades.

As torres girantes movem-se com extrema facilidade, não obstante o seu grande peso, por meio de apparelhos hydraulicos de M. Randell.

Cinco canhões torpedeiros guarnecem o navio dispostos dois a bombordo, dois a estribordo e um á poupa. Estes canhões são de bronze e os tubos de pressão do ar empregados para a expulsão do torpedo, de aço. Cada torpedo lançado por estes canhões custa 2:700$000 réis, a sua velocidade é de 22,000 milhas por hora.

Em caso de combate o navio é protegido pela coberta de aço de que já fallámos, recolhendo-se todo o pessoal ao interior, fechando-se todas as escotilhas defendidas tambem por cobertas de aço onde não penetram nem a agua nem as balas.

O combate então é feito das torres, occupando o commandante a torre central, d'onde, por meio de tubos acusticos, dirige tanto os machinistas como os combatentes. A communicação das duas torres girantes com a do commandante, faz-se por meio de um tunnel de ferro que atravessa entre as caldeiras das machinas e a amurada do navio onde são os depositos de carvão, o que é ainda uma outra defeza.

Um completo systema de ventilação leva o ar ao interior do navio aproveitando-se para esse fim tambem os mastros que são de aço e ôcos, abertos a certa altura, ajudam a fazer a tiragem do ar.

Completam o armamento do couraçado mais 6 peças de 6 toneladas, calibre 5,75 e 18 metralhadoras sendo duas para dezembarque, além das espingardas de guarnição, de systema Verdul que disparam 7 tiros a seguir, e os rewolvers de systema Nougain belga, e uma lancha torpedeira de Yarrow. A guarnição deve compôr-se de 400 praças.

A illuminação a bordo é feita por 285 lampadas incandescentes de Swan de 20 a 40 vellas cada uma; dois grandes fócos de luz para os laes das vergas produzidos cada um por 4 lampadas da força de 320 vellas; dois busca-torpedos ou fócos de luz electrica da força de 25:000 vellas cada um illuminam a uma distancia de tres milhas e meia; 3 machinas electro-dinamicas de Siemens elimentam este systema.

O numero total de machinas que funccionam a bordo, com diversas applicações, é de 44.

O *Riachuelo* tem 58 compartimentos estanques. As suas divisões são perfeitamente determinadas, principiando pela praça de armas que é grandiosa, camaras luxuosamente adornadas, casas de banho, enfermaria, cosinhas, prisões, arrecadações, beliches e todas as mais dependencias necessarias.

Uma canalisação especial leva agua em grande abundancia a todas as dependencias onde é precisa.

Finalmente o *Riachuelo* é um navio modelo no seu genero e n'elle se acham resolvidos praticamente muitos problemas difficeis de construcção naval.

No dia 16 do corrente o *Riachuelo* foi fundear em Cascaes tomando parte nas honras officiaes d'esse dia, anniversario de S. M. a rainha D. Maria Pia, e no dia seguinte foi visitado por S. M. el-rei D. Luiz e S. A. o principe D. Carlos que examinaram com detida attenção este bello especimen da marinha de guerra moderna. Foi-lhe alli offerecido pelo commandante um copo d'agua que os reaes visitantes acceitaram. S. M. convidou o commandante para um jantar no paço.

Em a noite de 18 do corrente houve a bordo do *Riachuelo* um explendido *soirée* a que assistiram muitas damas e cavalheiros da primeira sociedade, distinctas familias da colonia brazileira, officiaes de marinha portugueza e das embarcações de guerra estrangeiras surtas no Tejo, membros da imprensa, etc.

O *Riachuelo* segue hoje para o Brazil. Que faça boa viagem e dê muita gloria á marinha brazileira se tiver que entrar n'algum combate.

O INFANTE D. FRANCISCO

APRECIADO NA SUA CORRESPONDENCIA INEDITA

1726

(Continuado do n.º 203)

V

O throno e o altar á bulha

Copia de uma carta do conde de Aveiras para o bispo da Guarda.

«Ao serenissimo senhor infante D. Francisco, que Deus guarde, fiz logo presente a carta de v. ill.ma que recebi em 7 d'este mez, sem embargo de trazer a data de quatro de agosto proximo passado, escripta em resposta da que mandei a v. ill.ma em 25 do mez antecedente de julho; e ordena sua alteza que em primeiro logar se agradeçam a v. ill.ma as officiosas attenções que persuade para com os particulares que disserem relação ao augmento e conservação da sua real fazenda, e debaixo d'esta certeza, que deve ter por indubitavel, é servido se repita a v. ill.ma manda suspender todos e quaesquer procedimentos e innovações que pelo procurador da commenda d'essa villa e tambem pelo da casa e estado de sua alteza se hão requerido contra o arcipreste d'ella e o vigario geral da Guarda, esperando sua alteza seja reciproca a quietação da parte de v. ill.ma para com os officiaes de que agora se queixa. E sua alteza toma por sua conta mandar ahi pessoa que calcule e veja semelhantes duvidas e se observe n'ellas singella e independentemente tudo que fôr justiça sem o mais leve intuito e reversão a outros fins, e que no entanto deve suppôr-se que v ill.ma pela sua parte não alterará as possessões em que a commenda estiver nem permittirá se nomeiem de novo officiaes contra o praticado até o presente a respeito da arrecadação dos dizimos, sem embargo da distincção que expõe entre os mesmos e primicias, a que chama mere-ecclesiasticos, e os outros dizimos seculares produzidos das terras maninhas que os senhores reis d'este reino annexaram á sobredita commenda; porquanto a verdade é que todos devem ser julgados pelos mesmos preceitos por se haverem administrado e reassumido em si a mesma natureza; e que a obrigação juridica e consentanea aos termos mais honestos é que v. ill.ma não innove cousa alguma em semelhante materia, ainda que tenha para si que a posse em que a commenda se acha é subrepticia, na consideração de que sendo assim tolerada existente por tantos annos, e praticada em tantos actos pelos outros commendadores antecedentes, nunca sua alteza por algum modo deve ser esbulhado d'ella sem concorrencia voluntaria por ajuste com os officiaes da mitra ou discussão judicial pelos meios ordinarios da justiça. E para que sua alteza obre n'isto com segurança encaminhada aos direitos ou proventos que toquem a v. ill.ma faz se declare, como já fica dito, mandará ahi pessoa que confira estas cousas, e veja os tombos da commenda; e tambem resolve se veja na junta da sua casa esta resposta de v. ill.ma pela invariavel vontade de que não quer se adeante um passo contra o que pertencer ás suas jurisdicções; como tambem não será justo se percam ou dissimulem as da sua casa por novidade de arbitrios dos officiaes de v. ill.ma ao depois da acquiescencia tão diuturna á sentença ou sentenças que contra elles foram alcançadas: rogando-se a v. ill.ma que assim o entenda, e que n'esta conformidade se ponha tudo em o primeiro estado, como poderá mandar debaixo da certeza de que irá tratar-se com v. ill.ma a melhor estabilidade e firmeza em todas estas dependencias; offerecendo-me sempre ao serviço de v. ill.ma com uma grande vontade e bom affecto. — Deus guarde a v. ill.ma muitos annos. Salvaterra, a 12 de dezembro de 1726. Maior amigo e fiel captivo de v. ill.ma — O conde de Aveiras, D. Duarte. — Ill.mo sr. bispo da Guarda.»

Comquanto não conste da correspondencia do

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 209)

VI

A questão magna

— Comprehendo, está acanhado, pois em se desacanhando eu cá estou, sim em se resolvendo eu cá o espero: hade-me tirar o retrato.

Mas nem sequer elle completou a duzia de lições.

Gilberto examinando logo ás primeiras sessões o trabalho do professor, gritou que era um logro que lhe estavam fazendo, e pôz o mestre no olho da rua antes que o mal crescesse.

— É boa! exclamava, para riscos e ligações lá estava o mestre de primeiras lettras e não precisava de mais ninguem.

Mas o mestre de primeiras lettras despediu-se ao concluir do mez.

Veio substituil-o um convencionado de Evora Monte, coronel de artilheria, homem ainda de grandes bigodes e de uma pobreza que não ficava devendo nada ao egresso.

Esse queria dirigir militarmente a educação dos rapazes. Levava tudo a toque de caixa.

Cada lição era um conflicto, quasi uma campanha a que D. Perpetua acudia como potencia neutral a fim de chegarem a um acordo rasoavel os inconciliaveis beligerantes.

Gilberto a principio discursou no sentido de dar força ao mestre.

— Dê-lhe para baixo, recommendou, e rache-os de meio a meio.

Mas afinal apresentou-se-lhe um dia o menino do meio com uma orelha deitada a baixo, e Gilberto furioso despediu o coronel de artilheria insolentemente:

— Vossê sempre é burro, lhe disse alludindo aos seus sentimentos politicos.

— De facto que o sou por me metter com malhados, tendo ha tanto tempo obrigação de os conhecer bem ao longe.

— Pois sim, mas os malhados sempre lhe dão alguma coisa, quando deviam tel-os enforcado a todos.

Depois do coronel de artilheria, e em menos de seis mezes, os meninos de Gilberto conheceram oito professores differentes.

Estava calculado de tres em tres semanas conhecer cara nova.

Já ninguem lhe queria inculcar mestres para casa.

Isto era comentado pelos parentes pobres com malicioso desdem.

Gilberto começava a queixar-se das despezas que fazia com o ensino dos filhos.

Ameaçava-os de os mandar ensinar a todos o officio de sapateiro.

Sempre lucraria com isso poder a todo o tempo pôr uma loja de calçado e enchel-a de officiaes.

A menina mais velha é que de certo modo se distinguia nos bordados.

Ao menos sempre fazia alguma coisa que se visse, mas era só debaixo das vistas da professora, e com a ajuda d'ella, o que Gilberto notava com desagrado, dizendo que não era admiração nenhuma.

— Pois vá o papá fazel-o, respondia-lhe a creança despeitada.

E por mais lhe acirrarem o animo era o domingo a casa cheia de paes felizes que lhe traziam verdadeiras carregações de filhos habilitados.

Havia n'esses dias verdadeiras exposições escolares na sala de visitas de Gilberto.

Traziam exemplares de escripta, verdadeiros primores caligraphicos, prodigios de gosto, de applicação e de paciencia.

E Gilberto ao examinal-os por cima dos oculos, convidava os filhos que tambem trouxessem as suas escriptas, mas elles encolhiam-se temendo a competencia, e o pae não insistia por vergonha sua e deixava-se ficar de queixo caído a chorar o seu dinheiro.

Para esta dôr de Gilberto é que D. Perpetua não tinha consolações, a menos que dissesse que os filhos tinham a quem sair.

Nas argumentações da taboada, nas perguntas do cathecismo, em quaesquer dos diversos exercicios escolares, a que os filhos de Gilberto eram provocados pelos papás que pareciam ir alli de proposito comer-lhe a elle o jantar, e metter-lhe a ridiculo os filhos — a derrota era completa.

Como parecesse mal dizer que os meninos estavam atrazados por se não darem ao estudo com a consciencia de quem comprehende a necessidade de instruir-se para ser homem, ganhar a vida e melhorar das condições de nascimento, eram os mestres que apanhavam a giribanda.

A falta de methodo, o espirito mercenario e nenhuma consciencia com que exploravam a bolsa dos paes, é ao que elles attribuiam o facto notado já por todos, dos filhos de Gilberto saberem tanto hontem como hoje.

infante qual foi o resultado d'essas diligencias, bem é de crer que a justiça da sua causa, auxiliada pelo braço secular, triumphasse do poder espiritual que desce não raro da sua esphera superior a estas communs temporalidades.

Continúa) *Alberto Telles.*

RESENHA NOTICIOSA

O JORNALISTA MARCHI. Bem que francez, havia muitos annos que Marchi habitava a Belgica, redigindo em Bruxellas o *National Belge*. Em face dos novos acontecimentos julgou Marchi que podia fazer propaganda republicana, e excitar o povo contra o governo legal, e começou no seu periodico a seguir este systema; o governo belga não hesitou um momento, desde que viu e teve as provas materiaes e irrefutaveis de que Marchi abusava do direiro de hospitalidade, mandou-o sahir do territorio belga. Os mesmos periodicos francezes, como o *Siécle*, a *Presse*, etc., são unanimes em condemnar o procedimento de Marchi, e justificar o pleno direito do governo belga.

CASAMENTO DA INFANTA D. MARIA ANTONIA DE BRAGANÇA. Casou no dia 15 do corrente esta infanta, filha mais nova de D. Miguel de Bragança, com o duque Roberto, filho de Carlos III e sobrinho do conde de Chambord, que o contemplou em seu testamento com tres quartas partes da sua fortuna.

O duque é viuvo da princeza Pia, irmã do rei que foi de Napoles, e tem nove filhos vivos d'este matrimonio. Ha dois annos que estava viuvo e vivendo em Biarritz.

Tomou parte muito activa na guerra civil de Hespanha, commandando um regimento carlista.

QUAES SÃO OS TRES ESCRIPTORES PORTUGUEZES ACTUALMENTE MAIS NOTAVEIS. A redacção do *Imparcial de Coimbra* dirige esta pergunta ao publico de Portugal e do Brazil, pedindo que lhe responda, enviando em carta á mesma redacção os seus votos até ao dia 15 de dezembro proximo. O fim d'esta pergunta é prestar uma publica homenagem aos tres escriptores que forem mais votados, publicando o *Imparcial de Coimbra* no dia 25 de dezembro um numero especial dedicado a esses escriptores, e depois um livro em edição de luxo, contendo o elogio e biographias dos tres escriptores com os respectivos retratos.

Aguardamos com curiosidade o resultado d'esta votação.

CORNEILLE. A 12 do corrente, segundo um costume sagrado e seguido ha muitos annos, celebrou Ruão, a cidade natal de Pedro Corneille, o grande tragico francez a solemnidade commemorativa do seu nascimento. Como é uso foram convidados os descendentes do grande poeta e bem assim muitos homens de lettras, d'aquella nação. Raros são aquelles que tendo manifestado os grandes poderes do seu talento não tenham assistido uma ou outra vez áquella solemnidade com que se honra a cidade de Ruão, e raros são os que não tenham pronunciado um discurso, composto ou recitado alguma poesia em tão sympathica commemoração. Era grande o concurso de homens de lettras e artistas, faltando Victor Hugo, que em uma carta manifestava o seu pesar, mas declarava estar alli com o coração e a alma. A casa em que nasceu o poeta, appareceu pintada no logar onde existira, e á noite no theatro representou-se o *Cid*, uma das mais vigorosas composições do grande tragico «gloria do theatro e orgulho da França» como diz Victor Hugo.

CONFERENCIA DE BERLIM. Annunciou-se ha muito tempo, desmentiu-se depois, e por fim veiu a reconhecer-se que era uma realidade o projecto de uma conferencia em Berlim, para regular os negocios do Congo, tão intrincados, misturados, adulterados e intrigados, por Stanley e os traficantes inglezes, que a respeito de principios de justiça e decoro publico, já vemos que não são dos mais escrupulosos. Ainda assim nós não julgamos que essas intrigas tenham chegado a achar echo nas altas regiões politicas, antes julgamos que a conferencia tem por fim marcar um limite ás pretenções das diversas potencias. A Allemanha não era verdadeiramente nação colonial, mas vendo a exuberancia da sua população resolveu-se a metter lá um pé, e eis a declaração e tomada de posse da *Angra pequena*, depois metteu outro pé ou mão, e eil-a a levantar a sua bandeira e a declarar seu o rio e costa dos *Camarões*; é singular que logo os dois pontos occupados pelos allemães tenham nomes portuguezes! Com rasão dizia de Lesseps em uma reunião em Paris: na Africa, não podemos dar um passo, sem achar signaes de que os portuguezes nos precederam ahi. Desde o momento em que se entra em uma conferencia para se regular o que é nosso, já o nosso direito, a nossa justiça é ferida. Faz-se um grande abuso do direito internacional, e assim como a familia é o prototypo da nação, assim a nossa casa ou fazenda é o prototypo do territorio de uma nação. Podem os visinhos mover questão sobre os extremos ou limites, mas não me podem obrigar a que eu faça n'ella taes e taes coisas, que lhe dê passagem, que lhe franqueie o que é meu; tudo o que fôr contra isto é força, é violencia. Se as diversas nações querem obrigar a um certo regulamento a navegação do Congo, não extranharemos tambem se um dia quizerem regular a do Tejo, do Douro, do Sado, do Guadiana, etc. Ha muitos estabelecimentos extrangeiros n'estes rios, e uma grande parte dos navios que por elles fazem commercio são extrangeiros. Por mais promessas, por mais protestos, por mais declarações que se façam para assegurar o reconhecimento dos nossos direitos, posse e justiça, ninguem nos levará a mal, que ponhamos esses protestos, promessas e declarações de quarentena. A grande verdade é esta. Em quanto as nossas esquadras coalhavam os mares, os nossos viajantes, os nossos missionarios, os nossos capitães percorriam e tinham em respeito as diversas partes do mundo, ninguem se atrevia contra nós, se não com alguns actos de pirataria; agora, tratam-nos como aquelles povos que matavam os paes, quando, por velhos, se tornavam inuteis e pesados. Aguardaremos o resultado da conferencia, mas desde já prevemos que nos não ha de ser muito proveitosa.

CHOLERA MORBUS. Segundo as ultimas noticias, este flagello póde considerar-se extincto em Hespanha, quasi extincto em França, em grande diminuição na Italia e pouco desenvolvido na Argelia. Esperamos que com o abaixamento da temperatura e o desenvolvimento por toda a parte das medidas hygienicas e prophylacticas elle desappareça de todo.

BIBLIOTHECA POPULAR. Inaugurou-se no dia 8 de setembro ultimo uma bibliotheca com este titulo, em Parahyba do Norte, a que assistiu o digno presidente da provincia e mais pessoas de gerarchia. O fim d'esta bibliotheca é ministrar leitura ao povo, e como esta muitas tambem se tem inaugurado em o nosso paiz.

VISCONDE DE VILLA MAIOR. Um telegramma que á ultima hora recebemos de Coimbra, dá-nos a triste noticia da morte do visconde de Villa Maior, reitor da Universidade de Coimbra e um dos ornamentos mais distinctos da sciencia, em Portugal. Finou-se hontem de manhã, em Coimbra, victima de uma pneumonia, que ha dias o tinha accommettido, inspirando desde esse momento serios cuidados aos amigos que o cercavam. Em um dos proximos numeros o OCCIDENTE publicará o seu retrato e biographia, prestando a devida homenagem aos merecimentos de tão distincto quanto benemerito funccionario.

UM QUADRO DE LEONARDO DE VINCI. Descobriu-se na Escola de Bellas Artes de Berlim, entre uma porção de télas velhas que estavam arrecadadas em nm deposito, um quadro d'este celebre pintor, representando a resurreição de Christo.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES. Tem estado aberta no Palacio de Crystal do Porto uma exposição de quadros que tem alli attrahido grande concorrencia. Entre as telas modernas figuram quadros do professor Rezende, do pensionista Sousa Pinto, de Marques de Oliveira, etc. Acha-se tambem exposto um grande quadro attribuido a Antonio Sequeira e dois esboços á penna de Joaquim Raphael Rogrigues, pintor portuguez dos principios d'este seculo.

— Ahi é que me doe, applaudia sinceramente convencido o pobre pae.

No piano então é que elle soffria as mais caras desilusões, e mais caras porque as pagava por um preço fabuloso.

Uma sobrinha pobre que elle soccorria, e quasi tutorava, era quem ao piano fazia nos saraus de Gilberto as honras da noite.

Coisa extraordinaria!

Essa então nem uma nota de musica aprendera.

Tocava de ouvido, mas tocava tudo, o diabo da rapariga, e muito bem ao compasso da cabeça de Gilberto e a seu pedido, o que quizesse, porque aquillo era só pedir por bocca.

A rapariga quando lá ia aos domingos, e porque o seu gosto pela musica fosse muito e em casa não tivesse mais do que um velho cravo desafinado, deitava-se ao piano de Gilberto e não o largava nem á mão de Deus Padre.

Ora vejam, e a filha d'elle para que se fosse pôr ao piano, era preciso que lhe offerecessem prendas, e fizessem promessas de galanterias e brinquedos.

Ás vezes até chorava quando vinha a mestra!

Era até uma consciencia o dinheiro que se estava gastando em mandal-a ensinar.

O caso é que em menos de tres annos Gilberto fechou o seu orçamento de instrucção, treplicando a verba consignada, o que tudo se elevou á somma de um conto e seiscentos mil réis.

D. Perpetua poz as mãos na cabeça, e Gilberto quiz bater com ella pelas paredes.

— Ora digam-me se os antigos não tinham mais juizo que a gente, e se não era melhor que puzessemos aquelle dinheiro ao canto da arca.

VII

As questões de moralidade

Mas tanto bate a agua na pedra até que a fura.

Ao cabo de seis annos de applicação, já os filhos de Gilberto liam por cima, e a menina mais velha tocava a mazurca

Gilberto tambem fizera na musica alguns progressos, e no piano devoluto ao trazer do chá arranhava com dois dedos a sua gavota.

Isto dava-lhe certo desvanecimento e satisfação.

Do filho do meio que lhe havia emendado na leitura do *Feliz Independente* certa falta de prosodia, dizia a toda a gente com orgulho; e sorrindo com a mais legitimo satisfação:

— Já me nota as asneiras, sim senhor!

O mano mais velho ao ouvil-o dizer tal, rospondeu-lhe em ar de reprehensão:

— Vossemecê não tem pimenta cá em casa?

— Pimenta para que?

— Para pôr na lingua ao brejeiro, pois é coisa que se faça notar as asneiras ao pae?!

Gilberto voltou agastado:

— Não, preferias antes ficar asno toda a vida.

— Pois eu, lições de filhos nunca as receberia.

— Estás fóra da epocha, vae para casa do mano commendador e verás como elle argumenta com os filhos e as sóvas que apanha na grammatica e na historia.

— Bonito exemplo!

— Bonito de certo, porque é assim que os rapazes se desenvolvem e tomam gosto pelo estudo.

— Mas a auctoridade paternal?

— Qual auctoridade? o mano está a lêr. A questão magna é a instrucção. Toda a auctoridade que não se estribe no saber, é ephemera e insustentavel, cahe pelo ridiculo.

— Ora essa, nunca tal ouvi. Isso não é seu.

— Não mano, não, é de um discurso que tenho alli no *Diario* das côrtes e te posso mostrar em lettra redonda.

— Pois embala-te n'essas cantigas que vaes bem.

Havia porém um ponto em que elle não transigia com o modernismo da epocha.

Era no tocante á moral das familias

Oh! n'esse ponto é que elle era feroz, mais feroz que um tigre, mais indomavel que uma panthera.

Ahi é que a sua auctoridade se affirmava, sem que a declinasse nem lhe permitisse o mais simples belisco.

Tinha de si para si que o cigarro e o namoro eram as duas perdições da mocidade.

(Continúa) *Leite Bastos.*

Lacombe. Falleceu este notavel pianista e compositor. Luiz Lacombe era auctor de muitas obras estimadas, entre as quaes o *Manfredo* e *Sapho* que tiveram grande successo, as *Harmonias da natureza*, etc., e contava-se fazer executar este anno ainda em Genebra a sua grande opera *Winkebried*.

Ouro. Lemos em alguns periodicos que nas minas de ouro do Transvaal se descobriram novos veeiros d'aquelle precioso metal no territorio de Mussuat, perto da nossa fronteira, e que por um descuido e inadvertencia, não ficou dentro d'ella. E' muito natural que esses veeiros se continuem para dentro do nosso territorio, e por isso parecia-nos conveniente que o governo enviasse alguem competente, um conductor de minas bastava, afim de fazer as necessarias pesquizas, para esse reconhecimento. Pouco se gasta com isso e pode-se lucrar muito, porque o descobrimento daria grande desenvolvimento á nossa colonia de Lourenço Marques.

O couraçado brazileiro Riachuelo, no porto de Lisboa (Segundo uma photographia de H. Garland)

Cabo submarino. Foi effectivamente assente, como annunciavamos no ultimo numero, o cabo submarino que liga as nossas ilhas de Cabo Verde com a Europa. Este acontecimento é não só importantissimo para a nossa vida colonial, mas extraordinario para nós, que estamos habituados a ver a morosidade em todos estes trabalhos. Foi a 9 de julho que o contracto se assignou entre o sr. conde d'Oksza e o governo; a 23 d'esse mez participava este cavalheiro ter obtido do governo hespanhol a concessão da linha directa de Cadiz á fronteira portugueza, como era obrigado pela condição 11.ª do contracto, partia em seguida para Paris e d'alli para Londres, e eis que tres mezes depois d'aquelle acto se acha assente a primeira secção do cabo, e não tardarão a sel-o as outras. Infelizmente não podemos obter resultados similhantes da concessão do cabo para os Açores. Foi feito o contracto alguns mezes antes, e não sabemos ainda quando o cabo estará assente.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques — *Compte rendu de la neuvième session a Lisbonne, 1880 — Lisbonne, Typographie de l'Académie Royale des Sciences, 1884* — Um grosso volume de 723 paginas, com grande numero de estampas e mappas referidos ás memorias que n'elle se incluem. Os nossos leitores, que tiveram a benevolencia de seguir o largo artigo começado a paginas 167 do nosso III volume e concluido a paginas 229 do IV, tem uma idéa aproximada da importancia dos trabalhos discutidos ou apresentados no meio d'essa grande reunião de sabios, vindos de todos os paizes da Europa, para analysarem os documentos que se julgam comprovativos da existencia do homem no nosso paiz durante o periodo geologico chamado terciario; tem tambem conhecimento de alguns outros assumptos que tem mais ou menos intima relação com varios problemas de anthropologia e archeologia prehistoricas que se trataram ou enunciaram n'essa reunião, mas não tem, nem podiam ter, por aquelle simples e modesto artigo, conhecimento completo de todos os trabalhos d'aquelle notavel congresso. Diversos sabios, que foram presentes áquella grande reunião, haviam já publicado succintos relatorios dos trabalhos d'ella, como Cartaillac, ou estudos ou pequenas memorias sobre alguns dos assumptos n'ella discutidos, taes como Bellucci, Wirchow, Choffat, G. Cotteau, H. Martin, etc., mas faltava ainda o trabalho official do secretariado do Congresso. Este havia sido retardado por uma causa infelizmente lamentavel. Durante o Congresso o seu iniciador, e aquelle por causa de cujos descobrimentos a reunião se fazia em Lisboa, achava-se muito doente, era Carlos Ribeiro, o secretario geral; findo o Congresso teve de cuidar seriamente da sua saude, pelo que houve de sujeitar-se a algumas operações dolorosas; melhorando um pouco, começou a entender n'esse trabalho, mas passado pouco tempo aggravaram-se-lhe os padecimentos, e veio a implacavel morte pôr termo ás fadigas do nosso geologo a 13 de novembro de 1882. (Veja-se o nosso volume 5.º, de pagina 160 em deante) Este facto paralysou o trabalho, que estava apenas encetado, mas logo que se regularisou tudo pela nomeação do sr. Delgado para chefe da repartição, que Carlos Ribeiro occupava e foi auctorisado a dirigir e completar o trabalho que este apenas pudera encetar, dedicou-se de tal maneira a elle, auxiliado pelos srs. Gonçalves Vianna, Choffat, Cotter e Couceiro, que em pouco mais de um anno elle estava concluido e hoje se acha impresso e nas mãos de todos, honrando o seu director e auxiliares e as officinas onde foi composto. Este grosso volume, além de conter a historia do Congresso, a lista de obras que lhe foram offerecidas, a dos seus membros presentes e ausentes, a dos delegados das diversas nações, e as actas das sessões, comprehende o resumo das discussões havidas e suas conclusões, e o texto acompanhado de estampas e mappas de varias memorias apresentadas e discutidas no Congresso, de algumas das quaes démos noticia no artigo referido. Até aqui a nona sessão do Congresso de anthropologia e archeologia prehistoricas, era um facto mal conhecido e que apenas se podia apreciar por varios trabalhos dispersos mais ou menos perfeitos; agora temos esse longo processo completo e por modo tão claro, que todos o podem ver, examinar, estudar as suas conclusões e avaliar a sua importancia.

O cancioneiro musical portuguez, por G. R. Salvini. David Corazzi, editor. Está publicado o fasciculo n.º 4.

Almanach republicano para 1885, XI anno de publicação, por J. Carrilho Videira. É um livro de 160 paginas em 8.º, contendo além da materia propria dos almanachs, uma desenvolvida parte litteraria em que figuram nomes de distinctos escriptores, e uma galeria de retratos com biographias de notabilidades extrangeira.s

Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos. David Corazzi, editor. O n.º 9 que recebemos contém a historia resumida de *Julio Cesar* o grande imperador romano.

O cosinheiro completo ou o mestre dos cosinheiros, publicado pela livraria editora de J. J. Bordalo, Lisboa. É a decima segunda edição que se publica d'este livro que deve interessar ás boas donas de casa e aos bons gastronomos, que de certo lhes crescerá a agua na bocca só ao lembrarem-se dos bellos pitéos que com o auxilio do «Cosinheiro Completo» poderão realisar, para mimosearem o seu paladar. O «Cosinheiro Completo» é um compendio de tudo quanto interessa á cosinha, á copa, á pastelaria e licores, illucidando estes asssumptos com algumas gravuras que melhor completam o texto. A questão alimentar é tão importante que não podemos deixar de recommendar esta obra a bem da hygiene e economia domesticas.

Revista de estudos livres, *directores litterario-scientificos; em Portugal:* dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos; *no Brazil:* drs. Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Romero. Comprehende os seguintes artigos: *Almeida Garrett* por Theophilo Braga; *Litteratura brazileira* por Sylvio Romero; *O ensino da historia nos lyceus* por Teixeira Bastos; *O theatro brazileiro e as condições da sua existencia* por Clovis Bevilaqua; *Bibliographia.*

Bibliotheca do povo e das escolas, *David Corazzi, editor,* rua da Atalaya 40 a 52, Lisboa, e rua da Quitanda 40, Rio de Janeiro. — N.º 89.— *Historia natural dos articulados* illustrada com 28 gravuras. Com este voluminho dilata-se já uma parte importante dos conhecimentos que esta bibliotheca tende a vulgarizar, a qual começada no n.º 4 *Introducção ás sciencias physico-naturaes,* se tem continuado pelos n.º 6 *Zoologia,* 15 *Mammiferos,* 33 *Historia natural das aves,* 36 *O homem na serie animal,* e sua *Anatomia* n.º 42, 49 *Physiologia humana,* 59 *Reptis e batrachios,* 70 *Historia natural dos peixes,* 76 *Invertebrados.* Vae-se assim completando um dos mais curiosos e interessantes ramos da historia natural.

Typographia Elzeviriana — Lisboa